

O corpo e a criança como objetos dos discursos¹

Aldenôra Vieira

Resumo

O trabalho na clínica parte da escuta psicanalítica de um caso clínico de um adolescente de 13 anos encaminhado com um pré-diagnóstico de dislexia. Nas investigações, observa-se que o sintoma não deve ser reduzido somente a questões cognitivas, mas se apresenta também como formação do inconsciente, do qual advêm os significantes constituídos da relação do sujeito a partir da linguagem, que adere ao corpo do sujeito o discurso do desejo do Outro. A análise do caso evidencia que o sintoma está articulado ao enlaçamento subjetivo da relação entre mãe e filho, revelando-se como resposta ao mal-estar familiar e à tentativa de tamponar a falta do Outro materno. O trabalho propõe reflexões sobre a prática generalizante dos diagnósticos, que tende a desconsiderar as formas de subjetivação e singularidade do sujeito e sua posição no discurso. Ao escutar o sujeito em sua história, o trabalho demonstra que o tratamento psicanalítico possibilita novos modos de funcionar mediante o saber e a invenção diante do sofrimento. O estudo conclui que a psicanálise, ao não se sustentar na norma diagnóstica, promove uma clínica que respeita a subjetividade e implica o sujeito na construção de seu desejo.

Palavras-chave:

Psicanálise; Sintoma; Dislexia; Desejo; Subjetividade.

The body and the child as objects of discourse

Abstract

The work in the clinic is based on the psychoanalytic listening of a clinical case involving a thirteen-year-old adolescent referred with a preliminary diagnosis of dyslexia. The investigations observe that the symptom should not be reduced solely to cognitive issues, but also presents itself as a formation of the unconscious, from which emerge the signifiers constituted through the subject's relationship with language, which inscribes onto the subject's body the discourse of the desire of the

1 O presente artigo foi apresentado no XXIV Encontro Nacional de Psicanálise da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em 2024 em Brasília (DF).

Other. The case analysis shows that the symptom is articulated with the subjective entanglement of the mother-child relationship, revealing itself as a response to family distress and an attempt to mask the lack of the maternal Other. The work proposes reflections on the generalizing practice of diagnoses, which tends to disregard the forms of subjectivation and the singularity of the subject and their position within discourse. By listening to the subject's history, the work demonstrates that psychoanalytic treatment enables new ways of functioning in relation to knowledge and invention in the face of suffering. It is concluded that psychoanalysis, by not relying on diagnostic norms, promotes a clinical approach that respects subjectivity and implicates the subject in the construction of their desire.

Keywords:

Psychoanalysis; Symptom; Dyslexia; Desire; Subjectivity.

El cuerpo y el niño como objetos del discurso

Resumen

El trabajo en la clínica parte de la escucha psicoanalítica de un caso clínico de un adolescente de 13 años derivado con un prediagnóstico de dislexia. En las investigaciones, se observa que el síntoma no debe reducirse únicamente a cuestiones cognitivas, sino que también se presenta como una formación del inconsciente, de donde provienen los significantes constituidos en la relación del sujeto con el lenguaje, que adhiere al cuerpo del sujeto el discurso del deseo del Otro. El análisis del caso evidencia que el síntoma está articulado con el entramado subjetivo de la relación entre madre e hijo, revelándose como una respuesta al malestar familiar y al intento de tamponar la falta del Otro materno. El trabajo propone reflexiones sobre la práctica generalizante de los diagnósticos, que tiende a desconsiderar las formas de subjetivación y la singularidad del sujeto y su posición en el discurso. Al escuchar al sujeto en su historia, el trabajo demuestra que el tratamiento psicoanalítico posibilita nuevas formas de funcionar en relación con el saber y la invención frente al sufrimiento. Se concluye que el psicoanálisis, al no sustentarse en la norma diagnóstica, promueve una clínica que respeta la subjetividad e implica al sujeto en la construcción de su deseo.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Síntoma; Dislexia; Deseo; Subjetividad.

Le corps et l'enfant comme objets du discours

Résumé

Le travail en clinique part de l'écoute psychanalytique d'un cas clinique d'un adolescent de 13 ans orienté avec un pré-diagnostic de dyslexie. Au cours des investigations, on observe que le symptôme ne doit pas être réduit uniquement à des questions cognitives, mais qu'il se présente également comme une formation de l'inconscient, d'où proviennent les signifiants constitués dans la relation du sujet avec le langage, qui inscrit sur le corps du sujet le discours du désir de l'Autre. L'analyse du cas met en évidence que le symptôme est articulé à l'enchevêtrement subjectif de la relation mère-enfant, se révélant comme une réponse au malaise familial et à la tentative de compenser le manque de l'Autre maternel. Le travail propose des réflexions sur la pratique généralisante des diagnostics, qui tend à négliger les formes de subjectivation et la singularité du sujet ainsi que sa position dans le discours. En écoutant le sujet dans son histoire, le travail démontre que le traitement psychanalytique permet de nouveaux modes de fonctionnement face au savoir et d'invention face à la souffrance. Il est conclu que la psychanalyse, en ne s'appuyant pas sur la norme diagnostique, promeut une clinique qui respecte la subjectivité et implique le sujet dans la construction de son désir.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Symptôme ; Dyslexie ; Désir ; Subjectivité.

Na clínica psicanalítica, tratamos dos invólucros que denunciam o infantil do sujeito dito adolescente. O sintoma é o suporte da fantasia, da verdade não-toda. A partir da psicanálise, permito-me analisar e interpretar um caso clínico, pois, quando se escolhe a psicanálise como prática, é preciso ir mais além. Se confiamos no inconsciente, temos que saber suportar a incompreensão de sua manifestação (Peusner, 2016).

O que separa a clínica psicanalítica de outras práticas de cuidado? A resposta mais direta a essas questões não se esgota no aspecto teórico, mas remete-nos ao domínio da prática analítica, ao método e à técnica que correspondem à dimensão ética que daí se depreende. (Iannini & Tavares, 1905/2017, p. 7)

Na clínica psicanalítica, o saber está do lado do sujeito singular. O diagnóstico é estrutural, pois diz de como o sujeito se enodou aos efeitos de sua história, da

qual retirou seu sintoma. É do infantil que *a*-bordamos em análise, essa substância de gozo que se encarna no tecido do corpo a partir da linguagem. O sintoma advindo da subjetividade entre mãe e filho é correlato à fantasia em que a criança está enlaçada.

O sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar. O sintoma — esse é o dado fundamental da experiência analítica — se define, nesse contexto, como representante da verdade. O sintoma pode representar a verdade do casal familiar. Esse é o caso mais complexo, mas também o mais acessível a nossas intervenções. (Lacan, 1969/2003, p. 373)

O sintoma agrega o dizer do neurótico ao impossível de fazer Um com o Outro. A linguagem — não como comunicação, mas a que advém do Outro — faz o corp-oral, o que temos para existirmos como seres falantes e que denuncia a falta no Outro. A psicanálise é uma prática clínica que não generaliza sujeitos nos invólucros dos diagnósticos.

Escutando o sujeito em sua história, em que as ressonâncias das palavras foram balizando seu corporal, apresento um recorte clínico no qual amor, desejo e gozo se fazem substâncias em um corpo mole, fraco e que não acompanha.

L., 13 anos, chega com um pré-diagnóstico de dislexia: não acompanha os colegas na escola, troca as letras e tem dificuldade na escrita e na leitura. A escola solicita o diagnóstico para que L. possa ser acompanhado. Diz a mãe: “Ele não aprende porque o emocional foi muito afetado.”

L. fez acompanhamento desde criança. Os atendimentos se davam em grupo com jogos. Ao generalizar as crianças com diagnósticos, perde-se a oportunidade de escutar singularidades; o inconsciente em seus nós discursivos, em que o sujeito sente-se tentado a responder à falta no Outro como objeto do desejo, por causa de sua falta-a-ser. Não acompanha a turma, mas é companhia da mãe; o sujeito amarrado na relação com o Outro.

Durante algumas sessões, L. se largava na cadeira com o corpo mole, jogava a pasta como alguém sem desejo e perguntava o que deveria fazer. Devolvo-lhe a pergunta, e L. responde: “Desenhar, mas não desenho em casa, nem na escola, só quando mandam.” Solicito, então, que desenhe, e L. desenha a escola, a professora e o aluno. Ao falar do desenho, faz um ato falho: “Maria” em vez de Dulci. Pergunto: quem é Maria? Responde: “Minha mãe.” Digo: “Você troca a professora Dulci por sua mãe?” Corto a sessão.

Romance familiar: os pais de L. decidiram morar juntos mesmo sem aprovação da família da mãe. A mãe relata que o pai não era companheiro, sempre a deixava

só, e as pessoas diziam que, quando tivessem um filho, ele mudaria. M. engravida e, durante a gestação, sentia-se só. Ela dizia que L. tinha problemas emocionais e que sentiu culpa, ao ter provocado o nascimento dele aos 7 meses, e afirma: “Precisava de uma companhia para não morrer.”

No aniversário de 1 ano, descobriu a traição do marido e resolveu se separar. Morou com a família dela, que dava palpite na criação de L. e diz que ele tinha muitos mimos e vontades satisfeitas. M. relata que suas opiniões não eram levadas em consideração, que se sentia inferior aos irmãos e que se considerava burra.

Quando L. faz 9 anos, ela constrói uma nova família e tem mais um filho, M. Diz que o pai de L. era um homem bom, só não tinha responsabilidade. Acha L. parecido com o pai, que não levava nada a sério.

Em sessão, L. brinca com um casal, Maria Bonita e Lampião, e põe vários soldados com armas apontadas para eles, dizendo: “As pessoas não gostam deles, são fracos.” Digo: “Mas o que fizeram para estarem na mira de soldados?” Corto a sessão.

Passadas algumas sessões, L. fala que gosta de jogar bola e de andar de bicicleta. Pega meu celular e diz que o tempo acabou. Joga o dinheiro na mesa e fala que eu deveria dar um presente a ele. Pergunto o porquê, e ele responde: “sou fraquinho, magro”, e que eu não deveria cobrar dele. Depois, tira um bombom do bolso e me oferece em troca do dinheiro. “Minha mãe é pobre, fraquinha.” Respondo: “É mesmo!”, pego o dinheiro e corto a sessão.

Na sessão seguinte, L. chega e fica em silêncio, manuseia a areia, mexe de um lado para o outro, divide, junta, esmurra e diz que a sessão acabou. Digo que ok e o libero. Ele se surpreende ao olhar o relógio: dez minutos. Na sessão seguinte, L. determina o que fazer. Pega uma bicicleta em miniatura, argila e faz uma bola. Em conversa, revela que gostava mais de bola, mas agora gosta de bicicleta, e, durante meses, se empenha em sua montagem.

A mãe se implica por conta dessa bicicleta e solicita uma sessão. Diz que L. está gastando muito com a montagem e não sabe o que fazer. Escuto um “não quero comprar” e, ao mesmo tempo, “não quero desagradar”. Digo: L. precisa desejar!

Pergunto a L. o que é a bicicleta para ele, e ele responde: “Minha companheira. Eu monto e vou para o mundo. Quero ser ciclista.”

A mãe solicita uma sessão e informa que vai dar um tempo nos atendimentos. Acha que o tratamento é sustento e apoio para L. e ela estava cansada de investir nele. Marco a última sessão com L., e ele não comparece.

A causa do sujeito, o enigma materno, o significante companheiro aparece como significante da falta no Outro. A psicanálise nos ensina que a neurose é o romance que se constitui a partir da falta e que revela a impossibilidade de fazer par com o Outro.

Penso a criança generalizada em seu desamparo familiar e escolar, pois a escola, como transmissora de saber, deveria estar advertida de que trabalha com o sujeito em sua incompletude, mas que, infelizmente, só o acolhe com os diagnósticos e abstém-se de escutar, e sequer implica o sujeito do desejo.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1996). *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2014). *Obras completas: conferências introdutórias à psicanálise* (Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-1917)
- Freud, S. (2017). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Iannini, G., & Tavares, P. (2017). Apresentação. In S. Freud. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1905)
- Lacan, J. (2003). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)
- Peusner, P. (2016). *Criança: objeto do sujeito*. São Paulo: Escuta.

Recebido: 08/04/2024

Aprovado: 14/05/2024